

DOI: 10.33947/1980-6469-v14n1-3645

**O PAPEL DO MAGISTÉRIO FEMININO NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SANITÁRIA EM
SÃO PAULO (1938-1942)****THE ROLE OF THE FEMALE MAGISTERY IN THE CONTEXT OF THE HISTORY OF SANITARY EDUCATION
IN SÃO PAULO (1938-1942)**Bruno Marco Cuer dos Santos¹, Marcelo Flório²**RESUMO**

A intenção deste artigo é conhecer e fazer vir à tona as temporalidades, contradições, representações e singularidades da Seção de Propaganda e Educação Sanitária, denominada SPES. A SPES era subordinada ao departamento de Saúde Pública do Estado de São Paulo e foi criada pelo decreto 9.322 de 14 de agosto de 1938 e adotou concepções de caráter preventivo-educativo, procurando viabilizar o projeto sanitário para a sociedade paulista, por meio de estratégias de persuasão, que eram as de higienizar as consciências e os corpos com auxílio de práticas educativas, por onde seriam ministradas normas adequadas de condutas. Ficou evidenciado na pesquisa, que a SPES alertava para a importância do trabalho do magistério feminino, na prática cotidiana, como sanitaristas de corpos e mentes dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Magistério. Higiene. Sanitarismo.

ABSTRACT

The aim of this article is to comprehend and bring along the temporalities, contradictions, representations and singularities from the Department of Propaganda and Sanitary Education denominated SPES. SPES was subordinated to the Department of Public Health of State of São Paulo and was created by the law 9.322 of August 14th in 1938 which adopted conceptions of preventive-educational character, seeking to make feasible the sanitary project for the São Paulo society, through strategies of persuasion in order to sanitize consciences and bodies with the aid of educational practices, where appropriate standards of conduct would be given. It was evidenced by the research that SPES warned of the importance of the female work in the teaching area in daily practice as sanitarians of students' bodies and minds.

KEYWORDS: Education. Teaching. Hygiene. Sanitarianism.

¹ Cientista Social, Mestre em Ciências Sociais, Professor do curso de Pedagogia da UnG-Univeritas.

² Bacharel em História (PUC-SP), mestre em História do Brasil (PUC-SP), doutor em Ciências Sociais (PUC-SP) e pós-doutor em História (PUC-SP)

1. Introdução: O estudo da Educação Sanitária sob o enfoque da História Cultural

As reflexões desenvolvidas nos estudos da área de História Cultural, na perspectiva Michel Foucault, não compreendem que o historiador pense o tempo como uma realidade única do passado. Pelo contrário, que há realidades no passado e no presente, do ponto de vista plural, a serem pesquisadas e cujos sujeitos sociais não estão prontos e organizados à espera do pesquisador para que sejam retirados do esquecimento. A esse respeito, a historiadora Margareth Rago (2005, p.32) elabora a seguinte reflexão: “Fica cada vez mais claro, portanto, que, para a história, que acreditava poder revelar a realidade única do passado, a linha de continuidade temporal era absolutamente necessária, pois legitimava uma representação apaziguadora deste”.

O historiador, ao buscar conhecer os tempos do passado e compreender os tempos do presente, não mais o faz sob a concepção de uma história linear e cronológica que desconsidera os tempos de diversas culturas. Concomitantemente, o pesquisador crítico tece, na atualidade, contundentes críticas às vertentes de História que veiculam apenas estudos e pesquisas de acordo com os acontecimentos narrados na perspectiva eurocêntrica.

O pesquisador, ao vasculhar e estudar os arquivos, é quem recorta e seleciona quais histórias virão à tona e de acordo com seus pressupostos teórico-metodológicos, à medida que é a partir de questões de seu “presente” que vai à busca de vestígios e pistas da ação humana no tempo e espera obter respostas, de modo a elaborar uma análise histórica segundo o viés interpretativo, problematizador e não meramente descritivo.

Esses novos conceitos epistemológicos da História Cultural possibilitam apreender tempos plurais e, ao mesmo tempo, representações, singularidades e contradições presentes nas ações cotidianas de diferentes sujeitos sociais, ao serem estudadas a atuação da História da Educação Sanitária em São Paulo.

Desta feita, a intenção é conhecer e fazer vir à tona as temporalidades, contradições, representações e singularidades da Seção de Propaganda e Educação Sanitária, denominada SPES. A Seção tinha por

preocupação educar “a massa” dos habitantes de São Paulo, principalmente nos discursos efetivados de 1938 a 1950, pois parte da premissa de que tinham a necessidade de transformar a desordem de seus costumes considerados arcaicos, trazendo-lhes a ordem da vida civilizada, urbanizada e moderna.

2. Entre o Reviver e o Relembrar

A SPES entendia que era importante incutir na população paulista preceitos de higiene, que lhes ensinasse hábitos como se fossem corretos – e a prevenir doenças. Desse modo, percebe-se que a Seção propunha intervir de algum modo na lógica sociocultural popular além de ter como projeto modificar hábitos, ideias e comportamentos. A intenção era, então, incentivar a constituição de uma cruzada de conscientização sanitária, e, assim, combater os costumes considerados “inferiores” e “atrasados”, por não estarem validados pelo conhecimento do saber científico da época (BUSCH, 1940, p.1).

A SPES era subordinada ao departamento de Saúde Pública do Estado de São Paulo e foi criada pelo decreto 9. 322 de 14 de agosto de 1938, tendo como finalidade: “propagandar os princípios de higiene nos centros de saúde, nas escolas e para a população em geral”³. O referido departamento de Saúde Pública foi gestado por volta dos anos 1920, fruto das mudanças ocorridas na forma de tratar a saúde. Desse modo, o que se pode concluir que, nas primeiras três décadas do século XX, a política brasileira relacionada à saúde teve como foco a educação das massas (COSTA, 1987).

A SPES adotou concepções de caráter preventivo-educativo, procurando viabilizar o projeto de higienização para a sociedade paulista, não mais por meio de métodos punitivos ou policiaescos e, sobretudo, por meio de estratégias de persuasão, que eram as de higienizar as consciências e os corpos com auxílio de práticas educativas, por onde seriam ministradas normas adequadas de condutas.

Segundo o produto educativo, impresso da SPES, denominado “Coletâneas” (1940, p. 02), fica claro que a própria proposta da Seção era a de não colocar:

³ Cf. “Prefácio” In: COLETÂNEAS. São Paulo: SPES, 1940, p. 02.

[...] nenhuma dificuldade para a reprodução dos seus artigos, antes a solicita e recomenda, para uma disseminação tão ampla quanto possível dos ensinamentos sanitários, pedindo apenas que em cada publicação seja consignada a fonte de origem – como é de direito.

De acordo com as questões discutidas, os artigos da SPES eram distribuídos aos diversos jornais, além de estações de rádio da capital e do interior e suas produções eram entregues impressas gratuitamente a quem as solicitasse. Os autores que mais assinaram artigos, de cunho educativo e propagandístico, na Seção, foram: Rubens do Amaral, Wladimir Toledo Piza, Lucila Batista, Leontina Silva Busch, Georgino Paulino e Raul de Polillo.

As temáticas que mais apareceram retratadas nos artigos das Coletâneas giram em torno de como se deveria ensinar higiene para a população paulista e por meio de quais dispositivos os educadores poderiam fazer uso de modelos para efetivar tal promoção de ensino.

A localização do responsável pela criação do Projeto Esperança, palavra que em latim significa SPES – o médico e sanitarista Wladimir Toledo Piza⁴ permitiu a coleta de seu depoimento trazendo à tona, por meio de suas memórias, lembranças de vivências dos tempos em que os sanitaristas da SPES, sob sua direção, cumpriram o papel de articuladores do projeto esperança-sanitarista. Segundo Piza: “Eu registrei essa sigla (SPES) que quer dizer esperança em latim [...] Então eu passei a distribuir artigos escritos por mim e artigos assinados pelos maiores jornalistas do Brasil cujos direitos autorais eu comprava”

Wladimir Toledo Piza⁵ rememora, nas entrevistas realizadas, o convite de Raul Godinho para dirigir a SPES, a pedido do governador Ademar de Barros, e que a mesma foi criada com base nas diretrizes estipuladas pela organização Mundial da Saúde (OMS), articulada pela ONU. Sendo o responsável por redigir o decreto de criação do órgão afirma que foi dado um caráter técnico e apartidário, onde escolheu desde o assistente até o servente. Piza compreendia que a

SPES deveria ser uma espécie de núcleo de redação jornalística que distribuiria ideias sanitárias aos jornais e rádios de todo o Estado de São Paulo.

O sanitarista Piza⁶ conta ainda que dispunha para o trabalho de dezessete funcionários, sendo que dois deles eram assistentes que o ajudavam a fazer roteiros dos assuntos a serem abordados na série de livros, denominado “Coletâneas”. O roteiro pronto era entregue aos jornalistas de destaque da época e acreditava que seriam difundidos pela sociedade rapidamente. Ele solicitava que os artigos fossem escritos com no máximo 25 linhas. A esse respeito afirma em um dos depoimentos,

Mas pra fazer o artigo penetrar no Estado todo eu fazia o seguinte, eu pegava esse roteiro por exemplo e dava para o Menotti Del Pichia ou para o Guilherme de Almeida que eram os dois grandes poetas. Eu dava o roteirozinho – quero que você escreva um artigo sobre isso, seguindo essa orientação com no máximo 25 linhas e eu pagava naquela ocasião 50 mil réis.

O diretor da SPES⁷ comenta que uma das grandes dificuldades enfrentadas era a de que a maioria dos dirigentes do sanitarismo, não entendia o que a Seção pretendia. Ao exemplificar a questão, destacou que Salles Gomes, então diretor do Serviço da Lepra, lhe disse que caracterizava seu trabalho como aquele que “ensinava a fazer e não fazia pelos outros”.

Com a memória articulada pelas tramas tecidas pela dialética da lembrança e relembração⁸, Piza⁹ enfatizou que Salles Gomes encaminhou-se a ele dizendo: “Ô Piza, você sabe qual é a função do seu serviço, você sabe o que é o seu serviço para o qual foi nome-

⁶ *ibidem*, op. cit., 1994.

⁷ *ibidem*, op. cit., 1994.

⁸ Walter Benjamin enfatiza que, no trabalho da memória, se consegue apenas recuperar fragmentos e instantâneos das rememorações – que são resultados diretos da tessitura dialética entre lembranças e esquecimentos. Benjamin compreende, portanto, a importância de atentar para desenvolver um olhar sobre como são produzidos os esquecimentos e que estes são constantemente alterados, refeitos e reelaborados no presente. Segundo Benjamin: “Cada manhã, ao acordarmos, em geral fracos e apenas semiconscientes, seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida, tal como o esquecimento a teceu para nós. Cada dia, com suas ações intencionais, desfaz os fios, os ornamentos do olvido [...]” Cf. BENJAMIN, Walter. **MAGIA E ARTE, TÉCNICA E POLÍTICA**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.37.

⁹ *ibidem*, op. cit., 1994.

⁴ Narrativas Orais de Wladimir Toledo Piza, que foi entrevistado por Marcelo Flório, aos 92 anos, em 1994, na cidade de São Paulo, de 13/03 a 17/04/1994.

⁵ *ibidem*, op. cit., 1994.

ado? É um derivativo de sanitarista vagabundo”.

Pelo contrário, o diretor acredita que a forma de sanitarismo desenvolvido por Salles Gomes era uma “coisa hitleriana”, e, retrucando-o dirigiu-lhe uma argumentação provocadora¹⁰:

Salles Gomes, se você entendesse a vantagem de um serviço de educação sanitária, você vai entender isso um dia, porque você fez um crime na lepra com a orientação que você deu, na minha opinião, você praticou um crime, porque leproso pobre vivia de esmola, ele não podia ter uma casa porque ninguém queria ser vizinho de um leproso. [...] cada leprosário precisava ter um pelotão da Força Pública para impedir o doente de fugir do leprosário, veja que coisa absurda [...].

Ao refletir sobre essas memórias, Piza¹¹ contesta: “E o Salles Gomes estava convencido que eu era errado!”. Então, seu depoimento permite compreender o caráter educativo-preventivo da SPES, que para se fazer presente e atuante no social enfrentou conflitos e confrontos com outras formas de concepção de tratamento da saúde pública.

Para trabalhar com a narrativa oral de Toledo Piza procurou-se diferenciar memória e história, isto é, distinguir história-objeto – lugar das tradições e situações vividas – de história-conhecimento – que é uma operação intelectual que torna inteligível e, portanto, deve sacralizá-la, o que não significa que o conhecimento histórico não possa também ser questionado e desconstruído. A história-memória é o vivido e deve ser interrogada pela história-crítica (NORA, 1980).

3. O Papel do Magistério Feminino na Educação Sanitária

Os artigos da SPES se dirigiam mais ao magistério feminino, às professoras, de um modo geral, ressaltando que deveriam “ser”, sobretudo, vigilantes combatentes em prol do sanitarismo. A intenção era a de formar educadoras sanitárias e

mostrar como poderiam reeducar os hábitos da população, considerada ignorante, irracional, anti-civilizada, ensinando- a se alimentar corretamente, repousar, habitar e gerenciar seu tempo. O papel da SPES era alertar, principalmente as professoras do ensino primário e secundário para a grande missão de modificarem hábitos, ideias e comportamentos advindos das tais credences populares.

A professora era a destinatária do discurso da SPES e que deveriam tratar as crianças como alvos preferenciais a inculcarem hábitos tidos como modelo civilizatório, pois eram incumbidas de erradicarem e remodelarem comportamentos antigos considerados errôneos e, ao mesmo tempo, levavam esses hábitos para sua família. Para tanto, as aulas deveriam ser o lugar de propagação das normas morais, colocando em segundo lugar a transmissão de conteúdos programáticos, fazendo das crianças, assim, meras depositárias de regras e normas.

A SPES demonstrava a importância de se vigiar rigorosamente, a saúde e o cotidiano dos escolares, incitando-os a se defenderem de doenças e costumes considerados errôneos. Essa tarefa era atribuída nominalmente, no artigo da Coletânea, à professora primária, tendo que: “ensinar a infância a viver bem, competindo exercer cuidadosamente vigilância sobre a saúde dos escolares. Essa vigilância tem de se basear em exame médico inicial e periódico, e na observação diária de cada escolar por parte do professor” (BUSCH, 1940, p.10).

Para que pudessem ministrar essas regras aos alunos, as professoras eram aconselhadas a fazerem cursos de higiene e sanitarismo, para que se preparassem para a missão de implantar hábitos sadios e corretos nas crianças. Nesses cursos higiênico-sanitários, o magistério feminino deveria aprender que os saberes e a autonomia das pessoas pobres eram negados e a tarefa de educar e conscientizar o povo lhes era entregue, para que educassem crianças a se contraporem aos tratamentos de saúde alternativos e populares.

Segundo esse artigo da SPES e, assinado por Maragliano Júnior (1942, p.22) a intenção era que a professora pudesse:

[...] submeter-se a cursos de especialização higiênico- sanitária, para estar à altura de criar,

10 ibidem, *op. cit.*, 1994.

11 ibidem, *cit.*, 1994.

nessas crianças uma verdadeira consciência sanitária. O que a repressão não tem conseguido, nem conseguirá nunca, o escolar, assim instruído, o fará sem dúvida. Ele repeliria seguramente o curandeiro, e teria, por força da educação assim conduzida maior contato com o médico e menor colóquio com a doença e a morte

As professoras, nas representações da SPES, eram tidas como aquelas que deveriam conduzir, dirigir e controlar a saúde da população, colocando-se como os detentores do saber verdadeiro, desqualificando e anulando outros saberes da população. Depreende-se da explicitação do artigo de Georgino Paulino (1945, p.13) que as culturas do povo poderiam ser modificadas substancialmente pelas professoras, à medida que nessa visão “essas práticas, transformadas depois em hábitos, nunca mais deixarão o indivíduo, pela vida a fora”.

Quanto ao médico, especificamente, era concebido, no imaginário desses agentes, como único competente para curar e tratar dos doentes e da saúde pública. A professora era coadjuvante na disseminação da propaganda sobre a importância do discurso médico. O médico teria a sabedoria inabalável para diagnosticar moléstias e assim: “Só o médico pode resolver o caso fazendo distinção entre o distúrbio simples chamado dispepsia, a disenteria amebiana ou bacilar ou certas formas mais graves de perturbação nutritiva”. Para este artigo assinado por Pereira, seguindo essa linha de raciocínio, não se prestigiaria “bruxarias e manobras de curandeiros” (1920, p. 20).

Identifica-se claramente, na SPES, um projeto de qualificar o saber médico como emissor da verdade, justificando que estes portavam um discurso e práticas científicas e o mais importante um diploma. Esses saberes, na proposta da SPES, se configuraram como formas de micropoderes, que anulavam e desqualificavam quaisquer outras formas de entender o tratamento de saúde das pessoas, que são uma das variadas possibilidades dos sujeitos sociais expressarem suas culturas, tradições e costumes transmitidos de geração a geração. Pelo contrário, a SPES enfatizava que os costumes do povo, quando o assunto era a saúde e os cuidados corporais, eram concebidos como enormes malefícios.

As temporalidades e os saberes históricos, para Michel Foucault, veem à tona por meio do estudo do pensamento, compreendidas também como ação e como estudo das experiências humanas, das maneiras de agir, de dizer, de conduzir e ser conduzido pelas quais o indivíduo vive o dia-a-dia, do ponto de vista histórico. Destarte, a partir de uma visão foucaultiana de tempo histórico, ao analisar a vida cotidiana de homens e mulheres comuns, chega-se à conclusão de que: por vezes somos coagidos por regras, noutras vezes as recusamos, de modo consciente ou não, desenvolvemos determinadas formas de relações consigo mesmo e com os outros a partir de diversos parâmetros. De acordo com Foucault (1994, p. 579-580), o pensamento é um processo da noção de experiência, que define como:

A tarefa era dar visibilidade ao domínio em que a formação, o desenvolvimento, a transformação das formas de experiência podem ocorrer: isto é, uma história do pensamento. Por “pensamento”, entendo que aquilo que instaura, nas diversas formas possíveis, o jogo do verdadeiro e do falso e que, conseqüentemente, constitui o ser humano como sujeito do conhecimento; aquilo que funda a aceitação ou a recusa da regra e constitui o ser humano como sujeito social e jurídico; aquilo que instaura a relação consigo mesmo e com os outros e constitui o ser humano como sujeito ético.

As práticas populares eram identificadas como frutos de ignorância da população e não eram concebidas como formas constitutivas de uma tradição, de um saber-fazer. Essa questão torna-se evidenciada no seguinte artigo da Coletânea:

[...] muitas perturbações intestinais sérias, inclusive afecções agudas graves, como a apendicite supurada, a perturbação intestinal ou vôlvo, que exigem uma intervenção cirúrgica imediata, são muitas vezes assistidas tardiamente, porque os seus sintomas são tidos como conflitos entre mangas e abacaxis e tratados por isso como laxativos e lavagens intestinais. E o atraso na assistência adequada, em tais casos, quase sempre significa morte (JÚNIOR, 1942, p. 23).

A educação no lar era considerada, pelas “Coletâneas”, totalmente falha na formação de hábitos higiênicos, e, dessa maneira, acreditavam que deveria,

[...] ser suprida pela educação na escola primária, onde não faltará o exemplo nem aquela convivência da utilidade das medidas higiênicas. [...] E o professor primário procurará promover, pelo exemplo, pela prática e pela persuasão a formação de hábitos sadios nos alunos (JÚNIOR, 1942, p. 21).

Ao percorrer os discursos elaborados pela SPES para se chegar a um entendimento dos roteiros educacionais criados pelo diretor Wladimir Toledo Piza, seus assistentes e na forma pronta como artigo escrito por jornalistas, médicos e outros especialistas, fica evidenciado que o grupo Esperança (SPES) alertava para a importância do trabalho das missionárias professoras sanitaristas de corpos e mentes dos alunos, utilizando o exemplo de suas práticas como assistencialistas. A SPES alertava que para transformar estudantes era necessária uma intensa repetição de práticas sociais concebidas como verdades e corretas.

Durante as primeiras décadas do século XX, os rituais em homenagem à Pátria também eram acompanhados de comemorações sofisticadas, tais como a construção de monumentos e outros signos nas cidades. Portanto, havia uma conjugação entre festividades nacionais e o cotidiano escolar (BITTENCOURT, 2012, p. 83). A ênfase atribuída às festas era considerada eficiente como ação pedagógica. A esse respeito, o educador escolanovista Lourenço Filho, à época, afirmava que as festividades e comemorações influenciariam tanto crianças, como a sociedade como um todo e ainda influenciada por vertentes assistencialistas, tais como práticas elaboradas pela SPES.

Os artigos, com objetivo de transformarem hábitos, comportamentos e pensamentos das crianças falavam da importância de repetição de práticas sociais. Essa questão fica clara no seguinte artigo: “A criança, para adquirir uma nova forma de conduta útil à saúde, terá que praticar o ato movido por um interesse habilmente suscitado e repeti-lo muitas vezes para torná-lo

um hábito. É esse o caminho para o ensino de hábitos sadios” (BUSCH, 1940, p.08).

Essa questão, acima discutida, fica explícita, também, em outro artigo do SPES, ao afirmarem que: “Tais noções, inculcadas à força de repetição, como recomendações cotidianamente lembradas às crianças, podem resultar, ao cabo, na implantação de hábitos definitivos de higiene” (JÚNIOR, 1945, p. 17).

Para Wladimir Toledo Piza¹², a SPES dirigia-se mais às “moças professoras primárias”, porque as considerava um grande veículo de propaganda dos conhecimentos higiênicos civilizadores. Como fica claro no depoimento de Piza, as ideias a serem propagadas pelas professoras seriam disseminadas diretamente da escola para toda a sociedade, com grande entrada no meio da vida rural. Enfatizando essas intenções, o diretor da SPES afirma ¹³:

[...] nós visamos o professor primário, porque é uma cadeia imensa e depois a moça professora, em geral, é uma abnegada, ela ama as crianças, ela se integra na vida das famílias, dos alunos, então é um elemento extraordinário como veículo de educação sanitária, veículo de propaganda. [...] a professora ensina na escola, dá noções de educação sanitária e as crianças levam para suas casas.

4. Considerações Finais

Como ficou perceptível, a educação sanitária nas escolas, para o SPES e seu diretor, era responsabilidade básica da mulher, o que remete à uma reflexão de que o projeto Esperança-SPES concebia essa forma de educação como profissão a ser melhor conduzida pelo sexo feminino. A carreira de magistério, nessa visão, é construída como sinônimo de feminilidade, partindo do pressuposto de que a mulher ao ser professora traria inerente a natureza materna, de docilidade, de sensibilidade e o papel de educadora.

Para que principalmente as professoras pudessem ministrar aos alunos os conhecimentos higienizadores, a SPES reunia os melhores artigos que eram

12 *ibidem*, *op. cit.*, 1994.

13 *ibidem*, *op. cit.*, 1994.

publicados nos jornais durante o ano todo e, posteriormente, organizava um volume e os entregava às professoras. Nesse momento significativo das atividades da Seção, como diretor, Toledo Piza distribuía os artigos produzidos e enviava às escolas cartas dirigidas às professoras. Ele afirmava que ¹⁴,

(...) Eu reunia por assunto, dividia por assuntos, escolhia os vários nomes os de mais prestígio e fazia um volume, fazia um volume de artigos (Coletâneas) e escrevia uma carta às professoras dos grupos escolares que eram 17.000, elas recebiam uma carta circular dizendo que a SPES ia editar um volume contendo os melhores artigos sobre Educação Sanitária...

Este ideário acaba por pré-definir o lugar das mulheres na sociedade e expõem as relações assimétricas e desiguais existentes entre os gêneros, enfatizando, como afirma Maria Cândida Delgado dos Reis (1994, p. 48) que as mulheres ao se profissionalizarem deveriam escolher tarefas que reproduzissem sua “verdadeira função social”, de cuidar e servir os outros, ou seja, de mãe nuclear e social.

A proposta da SPES era de um projeto de educação sanitária comandada por mulheres educadoras, por ser uma profissão considerada extensão do espaço privado e do lar. Sobre as profissões consideradas naturalmente femininas, Reis (1994, p.48), ainda observa, que:

A escolha de ser professora, secretária, costureira, bordadeira, enfermeira ou outras profissões consideradas tipicamente femininas, longe de fazer parte de opções livremente naturais, participa do jogo de poder da sociedade, onde às mulheres compete a maioria dos trabalhos em cuidados e serviços para com os outros.

Wladimir Toledo Piza ¹⁵ também se preocupou em colocar-se contra as crendices populares no tocante à saúde e que não se coadunavam com as verdades científicas e no livro, publicado pela SPES, relata que a Seção tinha uma importante função, que era a

de: “remover uma porção de lendas que cercavam a criação das crianças e que se chocavam com tudo que a ciência estava demonstrando que devia ser feito naquela ocasião”

Um dos hábitos populares que incomodava Piza¹⁶ era sobre a amamentação e ele como médico argumentava que,

[...] um dos hábitos populares era recomendar à mãe que amamentava era beber cerveja. A única coisa que você proíbe à mulher que amamentava é que usasse álcool e fumo, porque isso passa pelo leite e vai para a criança, e mesmo uma pequena dose de álcool que a criança receba através do leite ou mesmo durante a gravidez influencia, vai atingir o cérebro da criança.

Com vistas à remoção de crendices que cercavam o imaginário feminino segundo Piza ¹⁷, leu em seu depoimento um trecho de livro “As Mãezinhas”, para mostrar como chegar ao universo materno, por meio do discurso científico, e, ao mesmo tempo, fazia comentários a respeito (PIZA, 1945, p. 22-23).

Esse livrinho é destinado a ti, ele deverá ser o seu conselheiro sempre que desejarem saber alguma coisa sobre a alimentação do teu filho. Deverá seguir com toda a atenção os conselhos aqui indicados, pois são eles o resultado de observações feitas pelos notáveis especialistas de crianças do mundo inteiro. Uma das coisas que eu dava era sobre isso, não tomar álcool, não fumar... Esse livrinho tinha a boa função, era exatamente isso, remover crendices populares ligadas à saúde e que estavam, comprovadamente, feita a demonstração, de que não deviam ser mais servidas.

Como é possível observar os discursos da SPES procuraram ter respaldo nos discursos científicos dos anos 1930/1940/1950, atribuindo-se o direito de nomear professoras e médicos como agentes capacitados para erradicarem hábitos de “bruxaria” e “curandeirismo” (PEREIRA, 1945), que consideravam incorretos,

¹⁴ibidem, *op. cit.*, 1994.

¹⁵ ibidem, *op. cit.*, 1994.

¹⁶ibidem, *op. cit.*, 1994.

¹⁷ibidem, *op. cit.*, 1994.

por meio de intensas campanhas de propaganda sanitária e de conscientização dos alunos dentro dos muros escolares. No entanto, também fora desses muros, extrapolando-os e perpassando a sociedade de modo ramificado, engendrando inúmeros mecanismos de controle.

Com o objetivo de finalizar o artigo, importa ter presente, que as trajetórias da SPES buscavam reorganizar a sociedade paulista por meio de um projeto de educação sanitária tendo a escola como espaço propício para propagação de hábitos civilizadores que penetrassem o imaginário popular. A escola, nessa representação, serviria como local para instrumentalização de práticas de doutrinação e de ordenação necessárias para modificar e intervir nos hábitos e costumes do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e arte, técnica e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BITTENCOURT, Circe. As “tradições nacionais” e o ritual das festas cívicas. In: BITTENCOURT, Circe. **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2012.
- BUSCH, L. S. O Professor e a Vigilância Sanitária In: BUSCH, L. S. **Coletâneas**. São Paulo: SPES, 1940.
- COSTA, Nilson Rosário. **Lutas urbanas e controle sanitário**. São Paulo: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994.
- JÚNIOR, M. A Educação Sanitária In: JÚNIOR, M. **Coletâneas**. São Paulo: SPES, 1942.
- _____. A Educação Sanitária no meio rural In: JÚNIOR, M. **Coletâneas**. São Paulo: SPES, 1943.
- _____. Prefácio. In: JÚNIOR, M. **Coletâneas**. São Paulo: SPES, 1940.
- PAULINO, G. Educação Sanitária das Crianças In: JÚNIOR, M. **Coletâneas**. São Paulo: SPES, 1941.
- PEREIRA, L. B. De Curandeiro e de Louco In: JÚNIOR, M. **Coletâneas**: SPES, 1945.
- PIZA, W. T. **Entrevistado por Marcelo Flório**, entre 13/03 a 17/04/1994, em São Paulo.
- _____. **As mãezinhas**. São Paulo: SPES, 1945, p. 22-23.
- RAGO, Margareth. O historiador e o tempo. In: ROSSI, V. L. S. de; ZAMBONI, E. (orgs.). **Quanto tempo o tempo tem!** São Paulo: Alínea, 2005.
- REIS, Maria Cândida Delgado dos. **Imagens flutuantes: mulher e educação (São Paulo, 1910-1930)**. **Projeto História**, n. 11, EDUC, 1994.